

11. Classificação do Prédio Nº 5-9 Da Rua de São Victor, Situado na Rua de São Victor, Freguesia de São Victor Como Monumento de Interesse Municipal – Fim de Procedimento.

Submete-se, à consideração do Executivo Municipal, o fim de procedimento do processo de classificação como Monumento de Interesse Municipal do prédio nº 5-9 da rua de São Victor, situado na rua de São Victor nº 5, 7 e 9 – Freguesia de São Victor, nos termos do disposto no nº 3.º do art.º 29º da Lei nº 107/2001, de 8 de setembro. Tudo de acordo com os documentos que fazem parte do processo.

PROPOSTA PARA REUNIÃO DE CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

N.º Informação: 78082

Data: 02/08/2024

| Deliberações | |
|---------------------------------|--------------------------------------|
| Deliberação da Câmara Municipal | Deliberação da Assembleia Municipal: |

| Despachos | |
|--|--|
| O(a) Vereador(a) | O Presidente, à reunião de Câmara, |
| Despacho do(a) Sr(a). Vereador(a), com competência delegada por Despacho do Sr. Presidente de 18 de outubro de 2021, | O(a) Vice-Presidente, à reunião de Câmara, (Na qualidade dos termos do nº3 do artigo 57 da Lei nº169/99 de 18 de setembro) |

| | |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| O(a) Diretor de Departamento | O(a) Diretor(a) Municipal |
|-------------------------------------|----------------------------------|

| | |
|---------------------------|---------------------------|
| O(a) Chefe Unidade | O(a) Chefe Divisão |
|---------------------------|---------------------------|

Assunto: CLASSIFICAÇÃO DO PRÉDIO Nº 5-9 DA RUA DE SÃO VICTOR, SITUADO NA RUA DE SÃO VICTOR, FREGUESIA DE SÃO VICTOR COMO MONUMENTO DE INTERESSE MUNICIPAL – FIM DE PROCEDIMENTO.

PROPOSTA: Submete-se à consideração do Executivo Municipal o processo de classificação como monumento de interesse municipal do prédio nº 5-9 da rua de São Victor, situado na rua de São Victor nº 5, 7 e 9 – Freguesia de São Victor, nos termos do disposto no nº 3.º do art.º 29º da Lei nº 107/2001, de 8 de setembro.

O (a) Técnico(a)

Anexos:

- 1. Proposta e respetiva fundamentação / Informação técnica;**
- 2. Ficha de Classificação Interesse Municipal do Prédio nº 5-9 da Rua de São Victor.**
- 3. Planta de localização com implantação do imóvel.**

Nº Processo: 2024/450.20.505/1

Localização: rua de São Victor Nº 5-9, freguesia de São Victor 4710 – 439 Braga

Assunto: Classificação do Prédio número 5-9 da rua de São Victor, localizado na freguesia de São Victor como Monumento de Interesse Municipal

Nº Informação: 78066

Data: 02/08/2024

Informação técnica:

1. Através da publicação do edital nº ED/173/2024 da Câmara Municipal de Braga, com data de 5 de abril de 2024, foi determinada a abertura de procedimento de **Classificação como Monumento de Interesse Municipal do prédio número 5-9 da rua de São Victor, localizado na Rua de São Victor nº 5, 7 e 9, da Freguesia de São Victor** e a promulgação do Edital nº 563/2024, publicado no Diário da Republica, 2ª série Nº 82 de 26 de abril de 2024;
2. Na sequência da publicação do edital referido no ponto anterior e decorridos três meses, não se conhecem quaisquer reclamações;
3. Decorrido o prazo de 45 dias, fixado nos termos do disposto no nº. 3 do Art.º 94º da Lei nº. 107/2001 de 8 de setembro, o Património Cultural I.P. não se pronunciou, pelo que o processo poderá seguir os trâmites legais;
4. Assim, estão reunidas as condições para nos termos do disposto no nº. 3 do Art.º 29º da Lei nº. 107/2001 de 8 de setembro, proferir a decisão final relativa à classificação como Monumento de Interesse Municipal, do **Prédio número 5-9 da rua de São Victor, localizado na Rua de São Victor nº 5, 7 e 9, da Freguesia de São Victor, deste concelho.**
5. Após aprovação final deverá proceder-se à publicação de Edital, dando cumprimento ao disposto no Art.º 29º da Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro, assim como a publicitação da decisão no Diário da República conforme disposto no Art.º 57º do Decreto-Lei n.º 309/2009 de 23 de outubro e nos termos do Art.º 56º da Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro.
6. De seguida deverá comunicar-se ao Património Cultural I.P conforme disposto no Art.º 61º do Decreto-Lei n.º 309/2009 de 23 de outubro.

7. Posteriormente deverá publicar-se o edital, nos lugares de estilo e no Diário da República e proceder-se à sua divulgação no Portal do Município (DISIQ).
8. Após a publicação e divulgação referida no ponto 7, deverá voltar à DCHPA.



A – REQUERIMENTO INICIAL DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS – IMÓVEL DE INTERESSE MUNICIPAL

* Campos de preenchimento obrigatório

1. IDENTIFICAÇÃO*

Património Arquitetónico

☒

Património Arqueológico

☐

Património Misto

☐

Designação/Nome: Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor

Outras Designações: Casa da Família Ferreira Braga

Local/Endereço: Rua de São Victor Nº. 5, 7 e 9, 4710 - 439 Braga

Localidade: São Victor

Freguesia: Freguesia de São Victor

Concelho: Braga

Distrito: Braga

Código Nacional de Sítio (CNS): _____ (No caso de se tratar de património arqueológico)

2. CARATERIZAÇÃO

2.1. Função Original: Habitação

2.2. Função Atual: Habitação (devoluta)

2.3. Enquadramento: A casa com os números de polícia 5, 7 e 9 da rua de São Victor é um imóvel de arquitetura civil, destinado a habitação, reedificado/ampliado em meados do século XIX, inserido no contexto urbano do Centro Histórico (espaço central de Braga), fronteiro à Igreja da Senhora-a-Branca e nas proximidades da Igreja de São Victor, localizada a nascente.

2.4. Descrição Geral: O imóvel localiza-se a nascente da cidade, num quarteirão habitacional com a presença de comércio e serviços, adossado a construções de quatro pisos. Primitivamente, o edifício era composto por uma habitação de um andar, edificado provavelmente no século XVIII, sendo propriedade de José António Fernandes Braga, um negociante e abastado proprietário, natural de São Victor, que terá mandado efetuar obras de remodelação e ampliação no prédio para sua habitação e da sua família. Estas obras foram concluídas provavelmente na segunda metade do século XIX, sendo-lhe acrescentado um segundo andar, águas furtadas e uma segunda habitação a poente, apresentando ambos os imóveis as mesmas características arquitetónicas, nomeadamente ao nível da fachada principal. Atualmente os dois prédios são autónomos, constituídos por duas habitações, no entanto primitivamente encontravam-se interligados, internamente. O prédio atual é composto por uma habitação de quatro pisos, sendo o último de águas furtadas, apresentando a fachada principal voltada a sul, para a rua de São Victor e a posterior, a norte, a confrontar com os terrenos da Arquidiocese de Braga, com entrada pela rua de Santa Margarida. O edifício, em cantaria rica de granito, é composto por planta simples, retangular, com a fachada principal revestida a azulejos policromos em tons de azul e branco, exibindo decoração com motivos florais. Aberta com duas janelas e uma porta, em cada piso, ordenadas de forma simétrica, com duas varandas de gradeamento em ferro, forjado e fundido, pintada de branco, uma central, no segundo piso, repetindo-se no terceiro piso, com uma varanda que se estende a todo o comprimento da fachada. No alçado posterior existe um logradouro.



2.5. Estado de Conservação:

| | MB | B | RZ | M | R |
|------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Paredes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Pavimentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Coberturas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Outros | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

MB - Muito Bom; B - Bom; RZ - Razoável; M - Mau; R – Ruína

2.6. Espólio: Removido do local

2.7. Depositário do
espólio/materiais: Desconhecido

3. SITUAÇÃO DE PROPRIEDADES

3.1. Proprietário: Privada: Arrives and Conquest, S.A.
Endereço: Parque industrial de Adaúfe, lote 12/13, Braga, 4710-571 Adaúfe

3.2. Artigo Matricial: 481

4. OBSERVAÇÕES

4.1. Intervenções previstas: Atualmente para o prédio decorre um processo de licenciamento, tendo sido submetido na Câmara Municipal de Braga um pedido de obras, com vista à reconstrução e ampliação do edifício existente, destinado a habitação multifamiliar, encontrando-se, neste momento, em fase de apreciação técnica.

4.2. Pessoas/entidades que podem dar informações: Alexandra Maria Ferreira Braga de Sousa Louro Pereira de Castro, filha do anterior proprietário.

4.3. Restrições à divulgação da informação: Não mencionado

5. OUTRAS PROTEÇÕES (caso existam)

5.1. Classificação: Não

5.2. ZEP: Não

5.3. Instrumentos de gestão territorial:

- Regulamento do PDM de Braga.
- Código Regulamentar do Município de Braga, Parte B, Título III, Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico.

6. CARATERIZAÇÃO HISTÓRICA

6.1. Época(s) construtiva(s): Século XIX



- 6.2. Descrição histórica: Segundo as fontes documentais existentes e os estudos, provenientes das várias campanhas arqueológicas realizadas na cidade de Braga pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, foi possível confirmar que a rua de São Victor já existia durante a dominação romana, integrando uma das principais vias que partiam de Bracara Augusta, a Via Romana XVII, do Itinerário de Antonino, que ligava Bracara Augusta (Braga) a Asturica Augusta (Astorga), passando por Aquae Flaviae (Chaves). O seu trajeto, tal como as restantes vias, iniciava-se no atual Largo de Santiago, que correspondia à milha zero, tomando o Largo Carlos Amarante, cuja área correspondia à grande Necrópole da Via XVII, seguindo em direção à zona leste do concelho, passando próxima à Fonte do Ídolo, atravessava a Avenida da Liberdade, junto do atual edifício “Liberdade Street Fation”, no qual foram descobertos troços da via e continuava pelas atuais ruas do Raio, Senhora-a-Branca, São Vítor, D. Pedro V, São Vítor-o-Velho (atualmente cortada pelas antigas instalações da Fábrica Confiança) e continuava pela Nova de Santa Cruz, chegando até Gualtar e dirigindo-se para Asturica Aqua Flaviae.
- A partir do século XVI, a rua de São Victor adquiriu uma nova imagem, com o alargamento da cidade extramuros, empreendida durante a prelatura de Dom Diogo de Sousa (1461-1532), Arcebispo de Braga entre 1505-1532, considerado um dos mais importantes fautores da história da cidade bracarense e o “novo fundador” desta cidade. Quando chegou a Braga e encontrou uma cidade pequena e acanhada, que mais parecia uma aldeia, empreendeu uma grande reforma, no seu desejo de engrandecer a cidade, sendo responsável por imensas obras e beneficiações feitas em toda a cidade. Para ampliação da urbe mandou abrir grandes praças públicas, junto das portas da muralha que circundavam a cidade medieval, que ainda existem atualmente, como o Campo dos Remédios, (hoje Largo Carlos Amarante), o Campo das Hortas, o Campo das Carvalheiras, Campo da Vinha (hoje Praça Conde de Agrolongo) e o Campo de Sant’Anna, (hoje Praça da República e Avenida Central). Para ligação destas praças mandou abrir novas ruas que se encontravam interligadas entre si e também com o centro da cidade. O recém-aberto Campo de Sant’Anna ligava com a atual rua de São Victor, que foi mandada rasgar, tendo, em toda a sua extensão, sido edificadas habitações. Na interceção entre as duas ruas e como remate da nova praça Dom Diogo mandou edificar um templo, primitivamente, conhecido como Igreja de Nossa Senhora das Neves, atual Igreja da Senhora-A-Branca, encontrando-se representada no *Mapa* da cidade de *Braga* de Georg Braun, datado de 1594. O templo foi erigido num local onde, presumivelmente, já existiria uma ermida do século XIV, edificado por altura do arcebispado de Dom João de Soalhães (1313-1325), dedicado à Mãe de Deus, havendo evidências da sua existência, apesar de não se terem conservado quaisquer vestígios desse primitivo templo. Da reedificação do século XVI também há poucos elementos, tendo-se conservado apenas o portal principal, onde se encontram as armas do seu fundador e no interior, sobretudo no coro e, mais recentemente, duas colunas quinhentista, postas a descoberto na sequência de uma intervenção realizada já neste século e que a Irmandade decidiu preservar e expor ao público. A igreja atual foi reconstruída nos finais do século XVII e princípios do século XVIII, sendo um exemplar de estilo maneirista, barroco e neoclássico. A fachada principal está revestida a azulejos industriais oitocentistas, com remate em frontão barroco recortado, apresentando um nicho central com uma imagem de Nossa Senhora vestida de branco, tomando por isso a denominação de Igreja da Senhora-a-Branca. No frontão, ao centro, pode ler-se a seguinte inscrição, tirada do Salmo 67: NIVE / DEALBABUNTR / IN SELMON / MONS DEI / MONS IN QUO / BENEPLACITUM / EST DEO / HABITARE IN EO / ANNO D. 1771. No interior da igreja encontra-se um Órgão de Tubos, de 1774, da autoria de José António de Sousa.
- No entanto, será com Dom Luís de Sousa que a rua de São Victor vai adquirir maior importância. Dom Luís de Sousa (1637-1690) foi arcebispo de Braga entre 1677-1690, considerado uma figura de grande visão, foi chantre da Sé de



Coimbra e lente de Prima de Teologia na Universidade de Coimbra, nomeado bispo, em 15 de dezembro de 1670 e confirmado pelo Papa Inocêncio XI, em 1671. Em 1675, foi enviado a Roma como embaixador de D. Pedro II, que o nomeou bispo de Lamego e arcebispo de Braga, tendo ocupado os dois cargos em simultâneo, o bispado entre 1677-1685 e o arcebispado entre 1677-1690. Consumido por graves enfermidades viria a falecer em Braga, em 29 de abril de 1690, aos 53 anos e sepultado na capela-mor da Sé Catedral de Braga. O seu arcebispado ficou marcado por grandes obras, das quais se destacam a reedificação da Igreja de São Victor e também o alargamento da rua de São Victor.

A Igreja de São Victor foi mandada erigir, como já antes referido, pelo arcebispo Dom Luís de Sousa, em 1686, tendo sido construída sobre as ruínas de uma primitiva igreja e erguida no alto de uma pequena elevação artificialmente alterada, que lembrava os santuários da época. Para a sua construção, Dom Luís de Sousa contratou os melhores artistas da época, tendo escolhido o conceituado arquiteto Michel de l' École, também referido como Miguel de l' École, para projetar a nova igreja. Michel de l' École (século XVII) foi um engenheiro militar francês, chamado a Portugal no contexto da Guerra da Restauração da independência de 1640-1668, conhecido como o "mestre de todas as obras de fortificação" do norte de Portugal e responsável pelos projetos dos sistemas de fortificação das cidades de Valença, Monção e Chaves. O projeto que riscou para a igreja de São Victor, l' École utilizou uma nova linguagem artística, o barroco, conjugando-o com o estilo maneirista Jesuíta. As obras foram realizadas pelos mais conceituados mestres pedreiros como Pascoal Fernandes, natural do Porto e Estêvão Moreira, natural da Maia e pelos entalhadores Bernardo Fernandes e Damião da Costa Figueiredo. O interior, marcadamente barroco, está totalmente revestido com imponentes painéis de azulejos azuis e brancos, atribuídos ao pintor Gabriel del Barco y Minusca (1648-1701?), um artista espanhol que veio para Portugal, em 1669, tendo desenvolvido a sua atividade em tetos, azulejaria e autor de imensas obras, tais como os palácios dos Condes de Almada, dos Condes da Ponte, ambos em Lisboa e a Igreja do Convento dos Lóios, em Arraiolos, entre outras. Os painéis de azulejos da Igreja de São Victor são considerados como o primeiro conjunto de azulejos azuis e brancos produzidos em Portugal. Segundo as fontes documentais existentes, os azulejos devem ter sido colocados depois do ano de 1692, uma vez que o contrato de assentamento, data de 26 de abril do referido ano. O conjunto de painéis que cobrem a totalidade das paredes interiores da igreja, desenvolvem-se em vários registos, representando santos bracarenses a serem martirizados, acompanhados por outros santos bispos de Braga. Na Capela-Mor encontram-se representados os passos da vida de São Victor e no coro os passos de São Paterno, 19º prelado de Braga, que presidiu ao concílio de Toledo no ano de 405. A igreja encontra-se classificada, desde 1977, como imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 129/77, publicado em DR, I Série, n.º 226, de 29-09-1977.

Para engrandecer ainda mais o novo templo e melhorar as acessibilidades, Dom Luís de Sousa mandou fazer uma grande intervenção na via, presumivelmente, em 1686, por altura em que a igreja estava a ser construída. Desta intervenção resultaria o alargamento da rua e a sua divisão em duas vias, designadas de Regoa e Nova da Seara, assim representadas no Mapa das Ruas de Braga de 1750, da autoria do Padre Ricardo da Rocha, separadas por um alto separador central. Em meados do século XIX, a rua Nova da Seara foi suprimida, ficando apenas a rua da Regoa, vindo mais tarde o seu topónimo a ser alterado para São Victor.

Ao longo dos séculos, a atual rua de São Victor viu o seu nome ser alterado várias vezes, embora alguns tenham sido muito pouco conhecidos. Primitivamente, na época medieval, era conhecida de rua da Corredoura. Entre 1686 e 1865, com a sua divisão em duas vias foram designadas por ruas da Regoa e Nova da Seara, embora também fosse conhecida como rua do Adro. Em 1865, volta a ser alterado para São Victor, mantendo-se até 1915,



passando, nesta data, a rua França Borges. A partir de 03-08-1942, por deliberação da Câmara de Braga, o nome São Victor é restituído à rua, mantendo-se até à atualidade.

A origem deste nome deve-se ao seu padroeiro, São Victor. Segundo a lenda São Victor nasceu em Passos, uma pequena aldeia de Braga, situada na atual freguesia de São Victor. Oriundo de uma família abastada Victor saiu de casa numa manhã do mês de abril, por volta do ano 312, deparando-se com uma festividade em honra dos deuses romanos Ceres e Silvano. Victor foi abordado e aliciado para se juntar a eles nos festejos às divindades, tendo o mesmo recusado prestar culto àqueles ídolos romanos, uma vez que era cristão e apenas reconhecer um Deus. Tentaram coroa-lo com flores, mas Victor voltou a recusar, provocando o enfurecimento e a indignação da população, que rogou por justiça ao governador da cidade. O Governador interrogou o jovem, que não se deixando intimidar, professou a sua fé Cristã, sendo então castigado. Victor foi amarrado a uma árvore, açoitado, martirizado pelo fogo e por fim degolado. A sentença de morte foi cumprida sobre uma ponte de pedra, que ligava as margens do rio Este e o seu corpo lançado ao rio para ser devorado pelos animais que ali passavam. Reza a lenda que os animais nem se aproximaram do corpo, por respeito ao Santo, tendo o corpo sido recolhido pelos cristãos, durante a noite, e sepultado perto do local do martírio, num local onde mais tarde se ergueria uma Igreja em seu nome, a atual Capela de São Victor-o-Velho. O lugar onde se julga ter sido degolado ficou conhecido de "Goladas", passando a ser do domínio público, sendo ainda hoje chamado de "Lugar das Goladas" e o dia da sua morte, que deverá ter ocorrido em 12 de abril, celebra-se o dia de São Victor, Patrono da freguesia e da Paróquia de São Victor.

Nos inícios do século XX, a rua de São Victor era empedrada e serviu de passagem aos elétricos de Braga, uma rede de transporte ferroviário de tração elétrica, que existiu na cidade, entre 1914 e 1963 e composta por duas linhas. A linha um com ligação desde o Largo da Estação até ao Pórtico do Elevador do Bom Jesus do Monte e a linha dois com ligação desde a Ponte de São João até ao Cemitério de Monte d' Arcos. Em 1938, o Governo Português deliberou, sob proposta de António Ferro, organizar as comemorações dos oito séculos da Fundação da Nacionalidade e três da Restauração da Independência, que teriam lugar durante o ano de 1940 e abrangendo todo o país. Constatou-se que o Presidente da Conselheiro viria a Braga e se hospedaria no Bom Jesus. Como a rua de São Victor era, na época, uma das principais vias de acesso à estância do Bom Jesus e aos seus hotéis e como se apresentava em muito mau estado, sobretudo junto aos trilhos do elétrico, uma vez que, no seu trajeto, a linha um passava pela rua de São Victor, esta foi magnificamente calçada a paralelepípedos de granito. Graças a estes festejos, todo o país viu, nesta época, serem feitos melhoramentos até então adiados, tendo sido realizados em função dos visitantes estrangeiros que eram esperados por todo o país.

Primitivamente, a rua de São Victor estava organizada por edifícios de um andar, seguindo um mesmo modelo arquitetónico, devidamente alinhados e adossados entre si, que se estendiam ao longo de todo o perímetro da rua. Essas construções, edificadas, provavelmente, no século XVIII, eram constituídas por pequenas habitações, muito modestas, condições que terão levado a que, muitas delas, tenham sido alvo de obras de reconstrução e ampliação, ao longo dos tempos. Foi o que sucedeu a duas dessas habitações que pertenciam a José António Fernandes Braga, um negociante e abastado proprietário, natural de São Victor, senhor de grande fortuna e detentor de um vasto património, que incluía vários prédios urbanos e rústicos, localizados na cidade, particularmente na rua de São Victor, onde possuía os prédios de habitação com os números de polícia 1-3, 5 - 9, 11- 15 e 80. José António Fernandes Braga casou, em 21/11/1855, com D. Maria da Graça Arantes Braga, mãe de José António Arantes Braga, nascido em 15/04/1855, tendo-o legitimado como seu filho, após o casamento. Esta família foi residente no prédio localizado na rua de São Victor nº 1-3, sendo, provavelmente, nesta



altura, que terão mandado fazer obras de remodelação e ampliação no imóvel, acrescentando-lhe um segundo andar, águas furtadas e uma segunda habitação, adossada a nascente, o prédio nº 5-9. As obras de ampliação foram realizadas na segunda metade do século XIX, desconhecendo-se, infelizmente, a data da sua construção, autoria do projeto, bem como os artistas responsáveis pela edificação deste belo exemplar arquitetónico. A carência de informações, associada à ausência de fontes documentais, quer por parte dos familiares dos antigos proprietários quer no arquivo da Câmara Municipal de Braga, não permitiram recolher quaisquer dados sobre o imóvel, impedindo, deste modo, a obtenção de informações ou particularidades do prédio. Os dois prédios estão unidos exteriormente e exibem ambos as mesmas características arquitetónicas, nomeadamente ao nível da fachada. Primitivamente havia uma interligação pelo interior, através de uma porta, existente no segundo andar, no entanto, atualmente estas duas habitações são autónomas.

Estes dois prédios foram reconstruídos para albergar duas famílias, o primeiro com os números de polícia 1-3, foi ocupado, como já referido, pelo casal José António Fernandes Braga e a sua esposa D. Maria da Graça Arantes Braga. O segundo com os números de polícia 5, 7 e 9, pelo seu filho José António Arantes Braga e a sua esposa D. Margarida Amélia Arantes Braga. Ambos eram naturais da freguesia de São Lázaro, José António nasceu em 15/04/1855 e faleceu em 5/9/1898 e D. Margarida Amélia nasceu em 16-06-1864 e faleceu em 28/2/1942. Após o casamento, o casal emigrou para o Brasil, para a cidade do Pará, tendo António ocupado cargos de grande relevância, tornando-se acionista do Banco do Pará, fazendo parte da direção de vários serviços, nomeadamente do Tribunal do Jury e da Real Sociedade Portuguesa Beneficente, entre muitos outros cargos. A família adquiriu grande fortuna e tornaram-se importantes capitalistas e proprietários no Pará e também em Braga, detendo ações no Banco do Minho. O casal não teve filhos, mas criou uma afilhada, filha dos seus grandes amigos João Maria Soares, um jovem que emigrou para o Brasil, casando com D. Luísa Adelina da Silva Soares, natural de Pará e tiveram dois filhos Augusto Maria Soares e Júlia Maria Soares. Os dois irmãos ficaram órfãos muito novos, tendo as crianças sido criadas por José António e D. Margarida Amélia Arantes Braga. Quando estes decidem regressar a Portugal, trazem consigo a afilhada Júlia Maria Soares, o seu irmão, como já era adulto, decidiu ficar no Brasil. Uma vez em Braga, o casal foi residir para a casa nº 5-9 da rua de São Victor, onde viveram até à data da sua morte. D. Margarida Amélia Arantes Braga, entretanto, já viúva, deixou um testamento cerrado, nomeando seu testamenteiro António de Castro Ferreira Braga e os seus bens divididos por 6 herdeiros, 5 sobrinhos e a filha da sua afilhada de nome Margarida Cândida Soares Jorge Ferreira Braga, deixando a esta última o prédio nº 5-9 da rua de São Victor. Margarida Cândida nasceu em 13/4/1907 e foi viver para o prédio que tinha herdado, após o seu casamento com António de Castro Ferreira Braga, um distinto advogado, filho legítimo de Bento José Ferreira Braga, diretor do Banco do Minho e de D. Maria Angelina Castro Ferreira Braga, ambos moradores no prédio nº. 11-15, adossado a nascente do prédio do seu filho, atualmente sede da Junta de Freguesia de São Victor. António faleceu em 29/3/1969, tendo feito um testamento, celebrado em 17/12/1933, deixando usufrutuária a sua esposa e os bens aos seus 5 filhos: Maria Júlia Jorge Ferreira Braga, nascida em 30/3/1930, Maria Margarida Jorge Ferreira Braga Marques Pereira, nascida em 25/6/1931, Maria Helena Jorge Ferreira Braga, nascida em 23/3/1933, Álvaro Jorge Soares Ferreira Braga, nascido em 7/10/1934 e Maria Amélia Jorge Ferreira Braga de Sousa Louro, nascida em 6/2/1937. D. Margarida Cândida faleceu em 13/10/2009, aos 102 anos, com a sua morte, o imóvel passou para a filha mais velha Maria Júlia Jorge Ferreira Braga, cabeça de casal da família. Em 2014, o prédio fica na posse de António Machado de Sousa Louro, natural de Braga e marido de Maria Amélia Jorge Ferreira Braga de Sousa Louro, filha mais nova de D. Margarida. O casal foi emigrante na cidade de Lobito, Angola,



entre 1953 e 1975, onde António trabalhava como chefe de serviço de exportações de cobre na Companhia de Combustíveis de Lobito e tiveram três filhos, nascidos entre Braga e Lobito. Quando regressam a Braga foram residir para a Praça do Comércio, tendo António Louro sido trabalhador na Câmara Municipal de Braga. Em 2019, António decidiu vender o prédio, retirando todo o mobiliário e recheio da habitação.

A partir de 2019, o imóvel foi sucessivamente vendido, sendo adquirido por várias empresas. A primeira, em 2019, pela Sociguima - Mediação Imobiliária SA, com sede em Barcelos, que desenvolve a sua atividade no âmbito da compra e venda de bens imobiliários. Seguindo-se, em 2020, a Lomba Invest, com sede em Braga, empresa com atividade na promoção imobiliária, compra e venda e arrendamento de bens imobiliários. E, por fim, em 2021, a Arrives and Conquest, S.A., com sede no Parque Industrial de Adaúfe, cuja atividade se desenvolve na gestão de participações sociais, administração de bens próprios, aquisição e gestão de investimentos mobiliários e imobiliários, tendo apresentado na Câmara Municipal de Braga, um pedido de obras de edificação, com vista à reconstrução e ampliação do edifício existente, destinado a habitação multifamiliar, encontrando-se, atualmente, o processo de licenciamento em fase de apreciação técnica.

7. CARATERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

7.1. Descrição:

O Prédio nº 5-9 da rua de São Victor localiza-se a nascente da cidade, no eixo onde esta crescia vigorosamente, associado ao desenvolvimento industrial nesta zona, suportado pela ligação por carris à recente estação ferroviária. O edifício atual foi mandado construir na segunda metade do século XIX, por José António Fernandes Braga para residência do seu filho e da sua família. O imóvel de construção tradicional inserido num lote estreito e profundo, conformado numa planta retangular de dois volumes separados por um pequeno pátio central, com paredes portantes em granito, estrutura em madeira e paredes divisórias em tabique, possuindo uma arquitetura discreta no exterior e ricamente decorada no seu interior.

O corpo principal, com fachada virada a sul, para a rua de São Victor, apresenta uma composição regular e simétrica de 3 vãos em cantaria rica de granito, revestida a azulejos policromos em tons de azul e branco com dois centros alternados, formando um quadrilobado e outro por cruz central inscrevendo uma flor. Uma produção que se deverá, provavelmente, à Fábrica de Cerâmica das Devesas fundada, na década de 60, do século XIX, por António Almeida da Costa (1932-1915), canteiro de formação, natural de São Domingos de Rana, concelho de Cascais e José Joaquim Teixeira Lopes (1937-1918), natural de S. Mamede de Riba Tua, Trás-os-Montes, com formação em desenho, pela Academia Portuense de Belas Artes e pela Escola Imperial de Paris (1864-1865). A fábrica com sede em Vila Nova de Gaia foi uma das mais importantes do país, tendo dominado a produção de azulejaria para aplicação em edifícios, durante os séculos XIX e XX, entrando em declínio a partir do primeiro terço do século XX, até ao seu encerramento definitivo em meados de 1980. No entanto, apesar das evidências, a falta de fontes documentais não permite a sua confirmação.

Da fachada destaca-se o desenho das portas e janelas com molduras trabalhadas e cornijas rematadas por mísulas centrais, que sustentam as varandas com gradeamento em ferro forjado, uma central, no segundo piso e outra, no último piso, que se estende a todo o comprimento da fachada. Evidencia-se ainda o batente da porta de entrada do prédio, que exhibe uma bela figura, representando uma cabeça humana, ricamente trabalhada.

A compartição interna denota a organização de uma família abastada, observando-se a separação entre as dependências destinadas aos diversos membros da família, relativamente aos cômodos mais modestos destinadas aos serviços, localizados nas águas furtadas e iluminados por mansardas tradicionais de 3 águas.



Nas principais divisões sobressaem os belos e rebuscados trabalhos de estuque que decoram os tetos, em especial, a abóbada de uma notável claraboia que estabelece a distribuição da luz no interior da habitação, por uma imponente escadaria em espiral com balaustrada ricamente torneada em madeira exótica. São também notáveis os motivos decorativos e pictóricos, característicos daquela época, conferidos no tratamento quer das carpintarias quer dos revestimentos das paredes, seja pelo uso extensivo das escariolas ou do papel de parede ou, ainda, no uso com grande engenho de motivos pictóricos de inspiração bucólica e de forte impacto visual nos paramentos da sala de jantar. Situada no segundo piso do corpo posterior, a sala de jantar tem a fachada voltada ao logradouro, com sacada em escadaria, desenvolvendo-se por três pisos, fazendo o último o aproveitamento das águas furtadas. No primeiro piso encontrámos lojas para arrumos e armazenagem. No segundo piso, com comunicação direta à sala de jantar, deparámo-nos com a cozinha de área generosa, cujas paredes estão revestidas a azulejo e o piso em mosaico hidráulico de desenho geométrico, evidenciando-se aqui a banca de lavagem em mármore rosa. O imóvel apresenta-se em bom estado de conservação, no entanto, verificam-se algumas patologias, resultantes de infiltrações de humidades provenientes das coberturas, sendo o desgaste visível nos tetos de algumas das divisões, onde se veem várias fendas que os ameaçam e vão deixando cair, aos poucos, parte dos fragmentos de gesso que os compõem. Verifica-se, igualmente, em algumas paredes, que revelam vestígios de sujidade e humidade.

Este imóvel é um exemplar já muito raro de residência burguesa de finais do século XIX, que testemunha a vivência e o quotidiano doméstico desta época e do setor da cidade, onde este foi edificado, devendo ser assegurado, numa futura ação de valorização do imóvel a proteção e salvaguarda deste património arquitetónico.

Sugere-se que numa futura reabilitação do edifício, se deverá privilegiar uma intervenção mais próxima do restauro, salvaguardando-se os principais elementos arquitetónicos e decorativos, atrás evidenciados, assegurando a preservação integral das paredes e tetos, podendo, eventualmente, integrar novas valências nas características originais do edifício, recorrendo a soluções com caráter de reversibilidade.

8. CARATERIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

- 8.1 Tipo de sítio: Não se aplica.
- 8.2 Período cronológico: Não se aplica.

9. BIBLIOGRAFIA

- BANDEIRA, Miguel Sopas. *"O espaço urbano de Braga em meados do séc. XVIII"*. In Revista da Faculdade de Letras-Geografia, 1ª Série, 1993;
- BANDEIRA, Miguel Sopas. "D. Diogo de Sousa, o urbanista", Bracara Augusta, vol. XLIX (116), Braga, 2000;
- BANDEIRA, Miguel Sopas. *O espaço urbano de Braga. Obras públicas, urbanismo e planeamento (1790-1974). A cidade dos finais do Antigo regime ao advento da II República*. Tese de Mestrado, Vol. I, Braga, 2001;
- CASTRO, Alexandra Maria Ferreira Braga de Sousa Louro Pereira de. *História e Genealogia Familiar, Famílias Convergentes do Visconde de Vila Nova de Famalicão*, Quinta de Juste - Agroturismo, Lda, 2012;
- CASTRO, Alexandra Maria Ferreira Braga de Sousa Louro Pereira de. *Memorial do cemitério de Monte d'Arcos de Braga: arte tumular e seus méritos*, pref. Jorge Ortiga; posf. Artur Anselmo Pereira de Castro. - 1ª ed.



Braga: Câmara Municipal de Braga, 2016;

COSTA, Pe. Avelino da. *D. Diogo de Sousa Novo Fundador de Braga e grande Mecenaz da Cultura*, Lisboa, 1983;

ROCHA, Pe. Ricardo da. *Mapa das Ruas de Braga de 1750*, Braga, 1989;

DOMINGUES, Ana Margarida Portela, COSTA, António Almeida da. *Fábrica de Cerâmica das Devesas. Antecedentes, fundação e maturação de um complexo de artes industriais (1858-1888)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal, Faculdade de Letras do Porto, 2003;

DOMINGUES, Ana Margarida Portela "A Fábrica de Cerâmica das Devesas – entre a Arte e a Indústria", Fabrikart, Bilbao: 92-101, 2005;

DOMINGUES, Ana Margarida Portela "A Fábrica de Cerâmica das Devesas – percurso biográfico dos seus principais artistas", Artistas e Artífices e sua Mobilidade no mundo de expressão portuguesa - Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007;

FLOR, Susana Varela e FLOR, Pedro. *Gabriel del Barco y Minusca pintor: elementos para uma visão prosopográfica da Lisboa Barroca E.R.A. Arte, Creación y Patrimonio Iberoamericanos en Redes*, Universidad Pablo de Olavide, CIDEUS - Universidade de Évora, Sevilla, España, 2018;

GOMES, Joaquim da Silva. *Antologia de Bracarenses Ilustres*. Editor: Joaquim da Silva Gomes, 2004;

MARTINS, Manuela e CARVALHO, Helena. *As transformações do território: Bracara Augusta e o seu cadastro*, Universidade do Minho, Revista de Historiografia 25, 2016;

OLIVEIRA, Eduardo Pires. *Estudos Bracarenses – As alterações toponímicas (1380-1980)*, ASPA Associação para a defesa, estudo e divulgação do Património Cultural, Braga, 1982;

OLIVEIRA, Eduardo Pires de. *A Freguesia de São Victor: Braga*. Editora: Junta de Freguesia de S. Victor, Braga. 2001.

SILVA, Manuel Libório, *I Love Braga. Janelas, Batentes e Azulejos*. Centro Atlântico. 2015.

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/>

<https://www.viasromanas.pt/>

10. ELEMENTOS CARTOGRÁFICOS E FOTOGRÁFICOS (anexos)*

10.1 Planta de localização com o imóvel assinalado: (ANEXO I)

Escala:

1:2000 ☐

1:5000 ☐

1:25000 ☐

10.2 Referências cartográficas:

X

Y

Z

Datum

Projeção

41°33'07.7"N

8°24'57.2"W

Geográfica

Longitude

Latitude

Altitude

Datum

Projeção



10.3 Documentação fotográfica: (ANEXO II)

Interior ☒

Exterior ☒

Envolvente ☒

11. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE*

11.1 Proponente: Câmara Municipal de Braga

Contato: 253616060

Documento de identificação:

11.2 Preenchido por: Cecília Pereira

Data: 12-03-2024

Divisão do Centro Histórico, Património e
Arqueologia



ANEXO I

Planta de localização com o imóvel assinalado



Planta de localização com o imóvel assinalado (1:1000 – Extrato PDM Braga)



ANEXO II

Vista aérea com o imóvel assinala

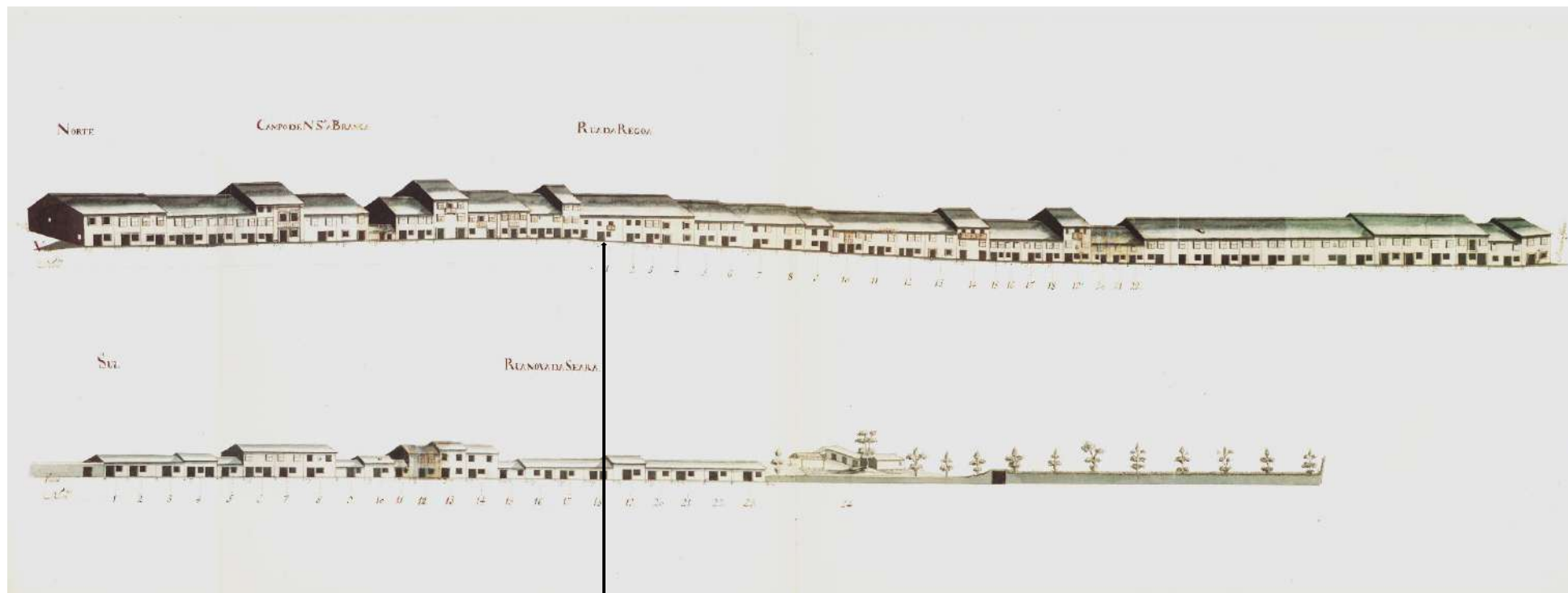


Vista aérea da Rua de São Victor com o imóvel assinalado | Imagens Google Earth de 01-02-2024



ANEXO III

Outra documentação antiga



Vista geral da Rua da Regoa e Rua Nova da Seara, atual Rua de São Victor, apresentando as habitações de um andar, edificadas no século XVIII. A seta assinala o atual prédio nº 5,7 e 9, na época com apenas 1 andar. Imagem extraída do Mapa das Ruas de Braga de 1750



Vista geral da Rua de São Victor, a seta assinala o atual prédio nº 5,7 e 9. Imagem extraída das Cartas Goullard de 1883-1884



ANEXO IV

Documentação fotográfica antiga



Rua de São Victor e Largo da Sr^a-A-Branca: Fotografia de cima, vendo-se em primeiro plano o “vapor” de Braga e ao fundo a Igreja de São Victor. Fotografia de baixo, em primeiro plano a Igreja da Sr^a-A-Branca, em segundo plano a Igreja de São Victor e em terceiro plano, ao fundo à direita, o Bom Jesus do Monte. Fotografias retiradas do Grupo Memórias de Braga – Roteiro Histórico e Monumental.



Braga. Rua de S. Victor

Rua de São Victor e Largo da Sr^a-A-Branca: Vista geral das ruas, fotografias retiradas do Grupo Memórias de Braga – Roteiro Histórico e Monumental.



38 BRAGA — Costumes Regionais, carro dos bois

Rua de São Victor e Largo da Sr^a-A-Branca: Fotografia de cima da autoria de Alberto Ferreiro, vendo-se, em primeiro plano a igreja da Senhora-A-Branca e à esquerda, a rua de São Victor com o prédio 5-9. Fotografia de baixo, em primeiro plano, os carros de bois utilizados na época pelos agricultores no transporte de mercadorias. Fotografias retiradas do Grupo Memórias de Braga – Roteiro Histórico e Monumental.



Proprietários da casa nº 5-9 da rua de São Victor: Fotografia de cima, vendo-se o casal José António Arantes Braga e D. Margarida Amélia Arantes Braga. Fotografia de baixo: O casal D. Margarida Cândida Soares Jorge Ferreira Braga e António de Castro Ferreira Braga. Fotografias cedidas pela Srª Alexandra Maria Ferreira Braga de Sousa Louro Pereira de Castro.



ANEXO V

Documentação fotográfica



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Vista geral da fachada principal.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, sala de Jantar.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, sala de estar.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vista geral desala.



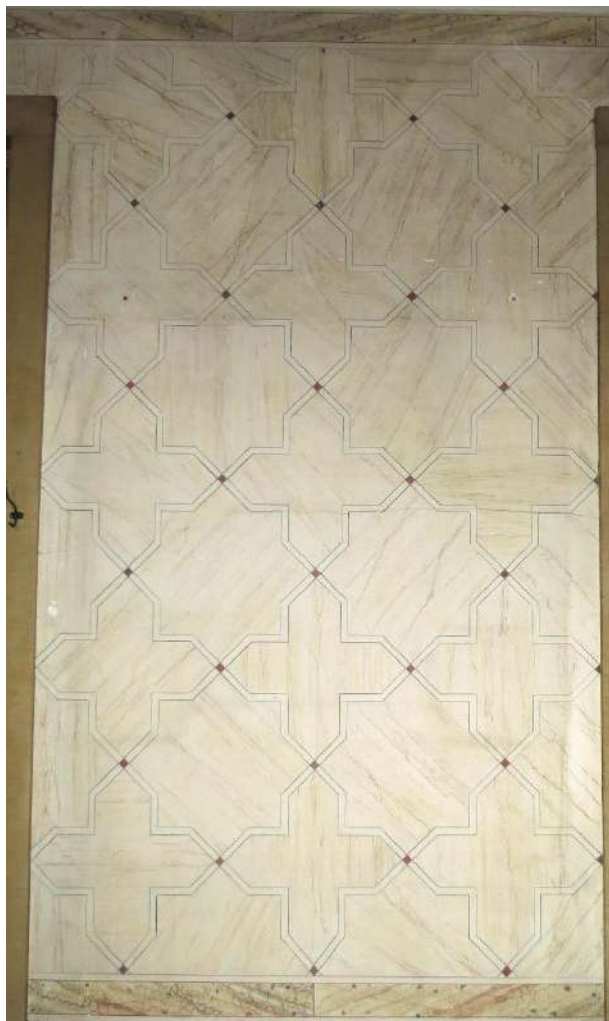
Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vista geral de sala.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, pormenor dos tetos.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, pormenor das pinturas das paredes.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, pormenor das escariolas das paredes.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vista geral dos quartos de dormir.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vista geral da cozinha.



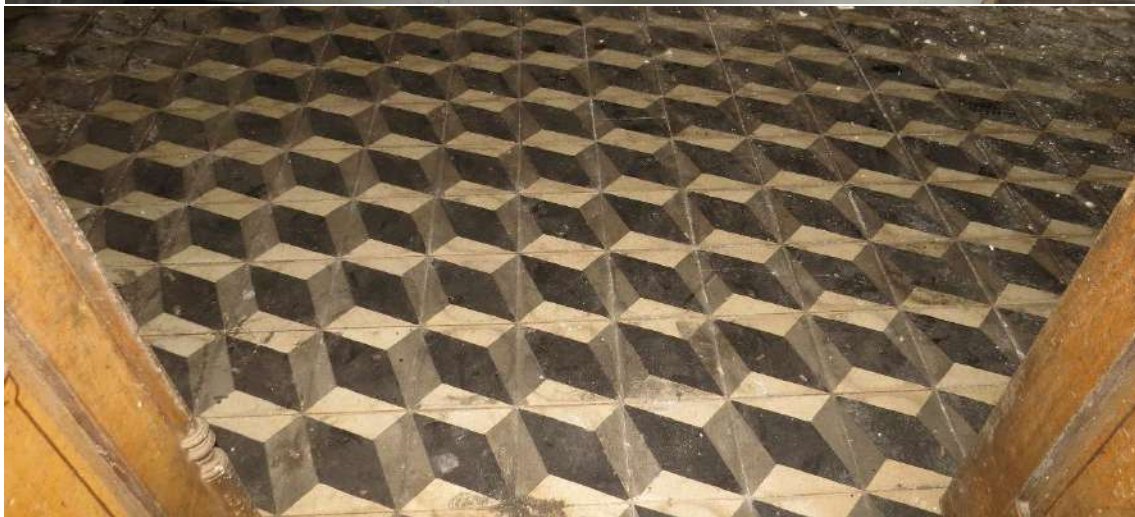
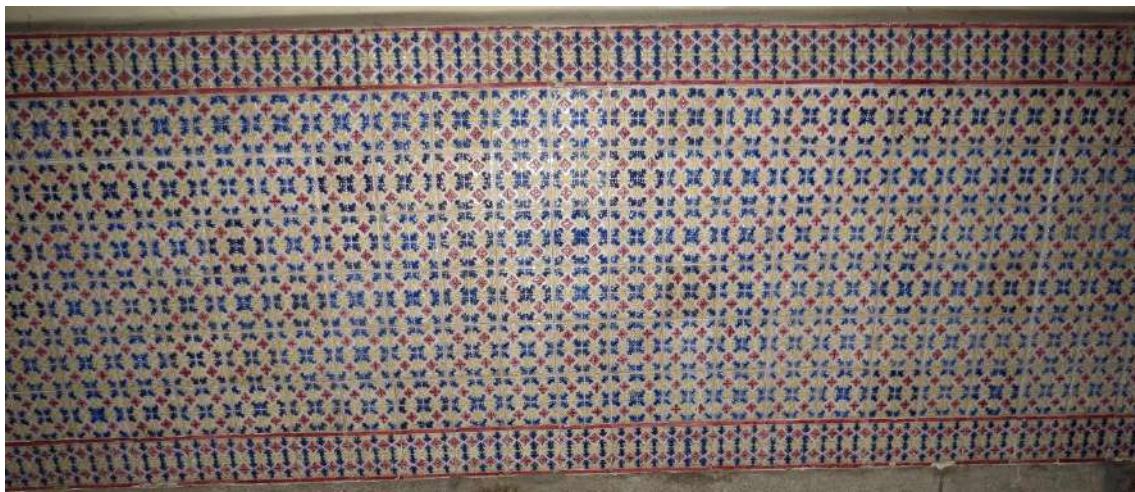
Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vista geral do WC.



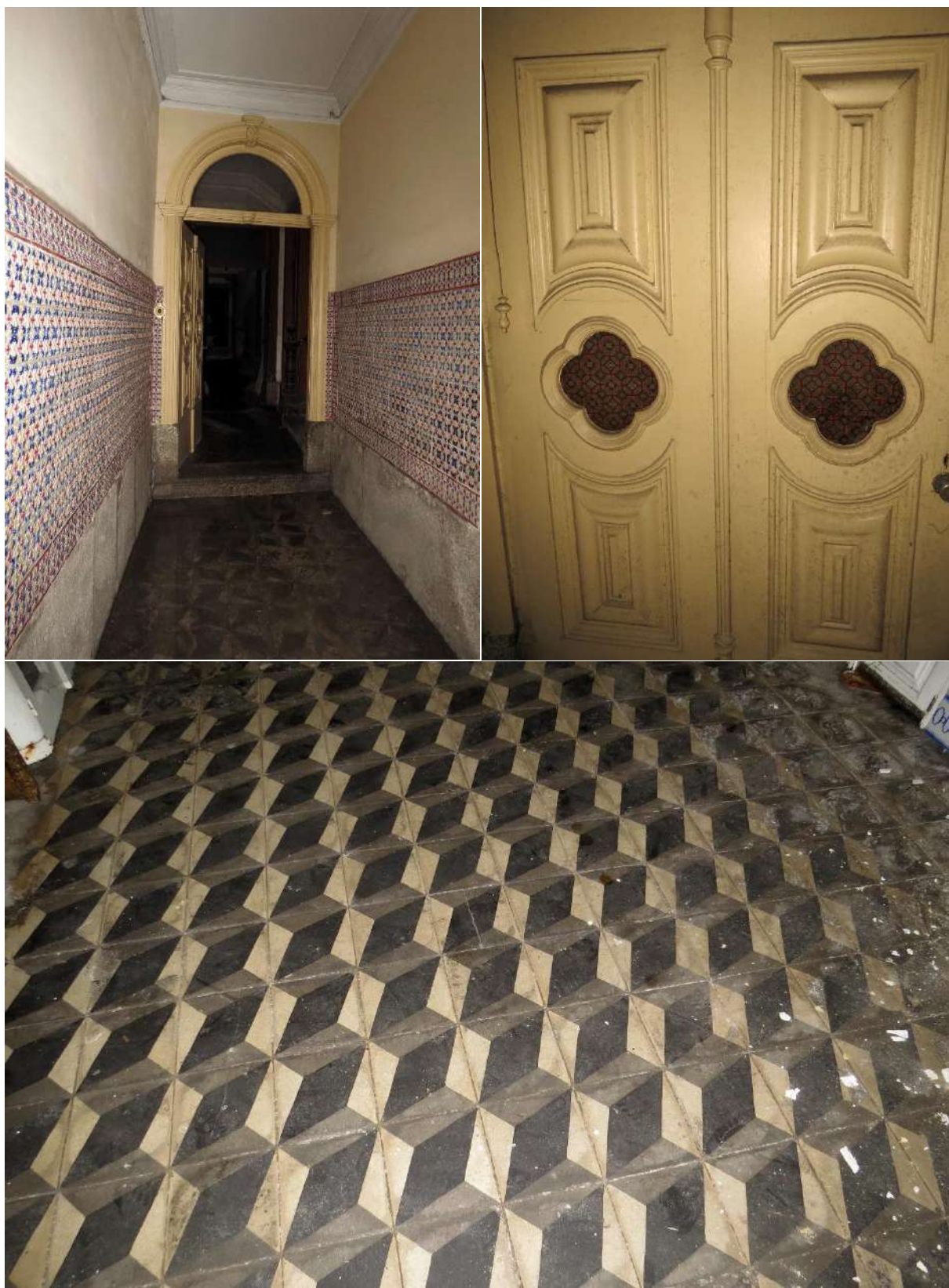
Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Vítor: Interior do Edifício, vista da claraboia existente na escadaria principal.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vista geral da escadaria principal.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vários tipos de azulejaria usados no revestimento de paredes e pavimento



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Vítor: Interior do Edifício, vista geral do hall de entrada e pormenor da porta e pavimento.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: Interior do Edifício, vista geral do pátio interior.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Vítor: exterior do Edifício, vista geral do alçado posterior e do logradouro.



Prédio nº 5, 7 e 9 da rua de São Victor: exterior do Edifício, pormenores do alçado principal.

Imóvel n.º 5-7-9 - Rua de S. Victor
Braga

Freguesia de S. Victor - (Braga)

Concelho de Braga



Imóvel



Delimitação do logradouro

0 20m

